

Estilo internacional americano ao norte, arquitetura moderna brasileira ao sul: Edgar do Valle – formação e produção

MARQUES, Sérgio; COELHO, Jânerson. Estilo Internacional americano ao norte, arquitetura moderna brasileira ao sul: Edgar do Valle – formação e produção. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 2, p. 78-86, dez. 2018

data de submissão: 10/10/2017

data de aceite: 30/06/2018

American international style in the north, Brazilian modern architecture in the south: Edgar do Valle – training and production

Estilo internacional americano al norte, arquitectura moderna brasileña al sur: Edgar del Valle – formación y producción

Sérgio Moacir MARQUES

Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS – ETSAB/UPC), Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROPAR – FA/UFRGS, e-mail: sergio.marques@ufrgs.br

Jânerson Figueira COELHO

Arquiteto e Urbanista, mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU – UniRitter/MaCkenzie, professor na FAU/UniRitter. e-mail: janersonfc@gmail.com

Resumo

Dentre as consagradas vertentes da arquitetura moderna — reconhecidas por suas coincidências fundamentais e universais, mas também por suas pluralidades conceituais e formais —, as vanguardas construtivas contextualizadas nos movimentos neoplasticistas do De Stijl holandês e racionalistas oriundas da Bauhaus, em particular da ascendência de Mies van der Rohe, tiveram influência significativa nos modos de vida e arquitetura moderna americanos a partir do pós-guerra. Consequentemente, a internacionalização desse processo de disseminação, em especial do chamado international style, ao contrário do que a crítica sensacionalista denuncia, incorporou sincretismos e dialogou com idiosincrasias locais de todos os gêneros, em suas diversas manifestações, ainda que a universalidade da abstração tenha se mantido com pauta relativamente invariável do movimento artístico. As arquiteturas da região dos grandes lagos e da costa oeste norte-americana são prolíferas na experimentação dessas variáveis, cujas manifestações e diálogos posteriores em solo latino-americano, como nas obras de Richard Neutra na América Central e, em especial, a influência da produção arquitetônica de Mies van der Rohe associada às propostas de ensino de arquitetura em Chicago, fundamentam a incidência da abstração na região meridional latino-americana. O presente artigo busca explorar a influência de obras referenciais e sua relação com o ensino

do projeto, tomando como caso a trajetória de Edgar Sirangelo do Valle, arquiteto gaúcho pertencente à terceira geração de arquitetos formados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1953-1959). Edgar produziu em Porto Alegre, sobretudo nas décadas de 1960, arquitetura francamente sintonizada com as vertentes modernas do norte dos Estados Unidos. Fato relevante nessas conexões é que, diferentemente de uma relação de influência entre centro e margem cujos filtros e interpretações estabelecem novos parâmetros, o arquiteto bebeu direto na fonte quando, nos primeiros anos de sua atividade profissional, foi contemplado com bolsa de estudos para curso de mestrado no *Illinois Institute of Technology* (Chicago-EUA), entre 1963 e 1965. Essa experiência no exterior foi determinante na sua produção no Brasil, onde Edgar, a despeito das contingências recorrentes de um contexto periférico, interpretou e adaptou aos seus projetos os princípios de Mies van der Rohe quanto à espacialidade, rigor construtivo e expressão visual.

Palavras-chave: arquitetura moderna brasileira no Sul, estilo internacional, arquitetura meridional sul-americana.

Abstract

Among the consecrated aspects of modern architecture – recognized by their fundamental and universal coincidences, but also by their conceptual and formal pluralities – the constructive vanguards contextualized in the neoplasticist movements of the Dutch De Stijl and rationalists from the Bauhaus, in particular from the ancestry of Mies van der Rohe, had significant influence on modern American modes of life and architecture from the postwar period. Consequently, the internationalization of this process of dissemination, especially of the so-called international style, contrary to what sensational criticism denounces, has incorporated syncretisms and dialogued with local idiosyncrasies of all genres, in their various manifestations, even if the universality of abstraction has become maintained with relatively invariable agenda of the artistic movement. The architectures of the Great Lakes region and the North American West Coast are prolific in the experimentation of these variables, whose later manifestations and dialogues on Latin American soil, as in the works of Richard Neutra in Central America, and especially the influence of architectural production of Mies van der Rohe, associated with the proposals of teaching of architecture in Chicago, base the incidence of the abstraction in the Latin American South region. This article seeks to explore the influence of referential works and their relationship with the teaching of the project, taking as a case the trajectory of Edgar Sirangelo do Valle, a Gaucho architect belonging to the 3rd generation of architects graduated from the Federal University of Rio Grande do Sul (1953-1959). Edgar produced in Porto Alegre, especially in the 60's, an architecture that was quite in tune with the modern northern slopes of the United States. A relevant fact in these connections is that, unlike a relation between center and margin whose filters and

interpretations establish new parameters, the architect had the opportunity to drink at the source when, in the first years of his professional activity, he was contemplated with a bag of studies for a master's degree course at the Illinois Institute of Technology, between 1963 and 1965. This experience abroad was decisive in its production in Brazil, where the architect, despite the recurrent contingencies of a peripheral context, interpreted and adapted to his projects the principles of Mies van der Rohe regarding spatiality, constructive rigor and visual expression.

Keywords: Brazilian modern architecture in the south, international style, southern architecture from south american

Resumen

Entre las consagradas vertientes de la arquitectura moderna – reconocidas por sus coincidencias fundamentales y universales, pero también por sus pluralidades conceptuales y formales –, las vanguardias constructivas contextualizadas en los movimientos neoplasticistas del De Stijl holandés y racionalistas oriundos de la Bauhaus, en particular de la ascendencia de Mies van der Rohe, tuvieron influencia significativa en los modos de vida y arquitectura moderna estadounidenses a partir de la posguerra. En consecuencia, la internacionalización de este proceso de diseminación, en especial del llamado *international style*, al contrario de lo que la crítica sensacionalista denuncia, incorporó sincretismos y dialogó con idiosincrasias locales de todos los géneros, en sus diversas manifestaciones, aunque la universalidad de la abstracción, mantenido con pauta relativamente invariable del movimiento artístico. Las arquitecturas de la región de los grandes lagos y de la costa oeste norteamericana son prolíficas en la experimentación de estas variables, cuyas manifestaciones y diálogos posteriores en suelo latinoamericano, como en las obras de Richard Neutra en Centroamérica y, en especial, la influencia de la producción arquitectónica de Mies van der Rohe, asociada a las propuestas de enseñanza de arquitectura en Chicago, fundamentan la incidencia de la abstracción en la región meridional latinoamericana. El presente artículo busca explorar la influencia de obras referenciales y su relación con la enseñanza del proyecto, tomando como caso la trayectoria de Edgar Sirangelo del Valle, arquitecto gaucho perteneciente a la tercera generación de arquitectos formados por la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (1953-1959). Edgar produjo en Porto Alegre, sobre todo en las décadas de 1960, arquitectura francamente sintonizada con las vertientes modernas del norte de Estados Unidos. El hecho relevante en estas conexiones, es que diferente de una relación de influencia entre centro y margen cuyos filtros e interpretaciones establecen nuevos parámetros, el arquitecto bebió directamente en la fuente cuando, en los primeros años de su actividad profesional, fue contemplado con beca para curso de estudios en el Illinois Institute of Technology (Chicago-EEUU), entre 1963 y 1965.

Essa experiência en el exterior fue determinante en su producción en Brasil, donde Edgar, a pesar de las contingencias recurrentes de un contexto periférico, interpretó y adaptó a sus proyectos los principios de Mies van der Rohe en cuanto a la espacialidad, rigor constructivo y expresión visual.

Palabras clave: arquitectura moderna brasileña en el sur, estilo internacional, arquitectura meridional sur.

Introdução – International Style x América

O teor da arquitetura neoplástica, de ocorrência internacional, disseminada no tecido urbano, nos anos 1950 e 1960, relativamente anônima em termos sul-brasileiros, ainda nos tempos atuais oferece, para a esmagadora maioria dos estudantes e arquitetos, material referencial tão ou mais importante que as obras de exceção produzidas por arquitetos e escritórios de destaque. Os movimentos artísticos abstratos da vanguarda moderna das primeiras décadas do século XX, cuja propagação a partir dos principais centros de irradiação europeus, em particular Holanda, Alemanha e França, conduziu, em contextos diversos e/ou periféricos, manifestações distintas. Na medida em que avança a década de 1950, obras de certa universalidade moderna sem caráter normativo, aproximando-se da arquitetura produzida na Costa Oeste norte-americana e de Marcel Breuer, assim como a meridional latino-americana e a arquitetura brasileira no Sul, que se afastou dos trejeitos vernaculares iniciais defendidos pelo realismo socialista e as influências do nativismo carioca e se aproximou das vanguardas construtivas, do pensamento miesiano e de Richard Neutra – com mesma índole de arquitetura reservada, reticente a grandes gestos e livreformismo da arquitetura tropical e, em outro sentido, mais frugal e econômica, embora racionalizada e tectônica, como a produzida em São Paulo – seguiram o caminho de um fazer adequado às contingências do contexto urbano e do ofício. Rigor organizativo, disposição da estrutura versus composição espacial, expressão abstrata dos fechamentos, espaços de intermediação e obediência às contingências do tecido reúnem noções exemplares de escala, modernidade e domesticidade que oferecem material referencial a um exame de produção arquitetônica apropriada de movimento cultural e estético universal, particularizado em circunstâncias específicas. Visível em manifestações da arquitetura recorrente latino-americana como a de Mario Roberto Alvarez na Argentina ou de Raul Sicheiro no Uruguai, só recentemente valorizados. O fenômeno da produção qualificada da arquitetura moderna recorrente nos anos 1950 e 1960, portanto, não é um privilégio de nenhum local, mas um extrato do Movimento Moderno, significativamente eclipsado pelos protagonistas, cuja exacerbação midiática atual só faz por agravar a ausência desse referencial, presente em diversos contextos e segmentos, cuja oferta de material de

projeto para as novas gerações apresenta igual consistência, maior factibilidade e está mais disponível.

A relação da arquitetura e urbanismo norte-americano com a região meridional latino-americana sempre estabeleceu um canal importante de influências recíprocas, muitas vezes contaminado por agentes provenientes das relações político-econômicas entre as duas regiões. Analisando em termos formais e de procedimentos de projeto, o Sul brasileiro teve em São Paulo uma importante interface com o contexto estadunidense. A revista *Pilotis*, entre 1948 e 1951, era fortemente influenciada pela revista californiana *Arts & Architecture*, promotora do *Study Cases Houses Program* que, por sua vez, publicou a casa Avandava, de Oswaldo Bratke (construída para si), primeiro latino-americano a publicar na revista¹. A tipologia de casa moderna térrea ladeada por pérgulas e pátios delimitados por muros prolongados, horizontalidade acentuada, planta livre na área social e cozinha americana integrada recheava o imaginário da classe média da década de 1950, ilustrado com imagens publicitárias da vida moderna, provida de automóveis, televisores, eletrodomésticos e móveis de pernas palito. SEGAWA descreve as características da arquitetura californiana produzida no período como:

[...] simplicidade de projeto e clareza de raciocínio estrutural, integração espacial interior/exterior com flexibilidade de planta, predominante horizontalidade, luminosidade, ventilação, preocupação com desenho de mobiliário e qualidade de utensílios eletrodomésticos, reorganização dos espaços internos em função da superação de velhos estereótipos domésticos e familiares, a introdução de novos eletrodomésticos transfigurando as funções e os dimensionamentos e a possibilidade de aplicação de métodos construtivos e dos materiais desenvolvidos durante a guerra, para a arquitetura residencial.²

Igualmente a influência de Frank Lloyd Wright na arquitetura latino-americana, em especial no Uruguai, e as relações entre a arquitetura de Wright e de Artigas em São Paulo, não tão abordadas na historiografia da arquitetura moderna no Brasil, por serem de certa maneira laterais na corrente corbusieriana dominante³. Miguel Forte, ex-colaborador de Rino Levi, talvez o mais tenaz adepto de Frank Lloyd Wright, retratou, em seu diário de viagem aos Estados Unidos, o contato com a arquitetura norte-americana e o encontro com Frank Lloyd Wright na Taliesen de Wisconsin⁴.

O *Case Study House Program* foi um programa de projetos e obras de casas experimentais, promovido de 1945 à 1964 pela revista norte-americana *Arts & Architecture*, editada por John Dymmock Entenza, um importante personagem cultural da época, que objetivava o uso da industrialização na construção, do design total dos componentes e da estética moderna. Notoriamente, Craig Ellwood e Ed Killingsworth foram premiados na Bienal de São Paulo em 1953 e 1961, respectivamente. A experiência formal com o universo estético das casas californianas experimentada por latino-americanos (como Raúl Sichero

no Uruguai, na Casa Dr. Luis Sichero, 1951), com organização do volume térreo em faixas ortogonais que se dobram criando pátios, semipátios e áreas de transição, planos soltos que se descolam do volume principal, balanços da cobertura plana e perolas que se prolongam desde a casa, configuração geométrica e ortogonal, constituída de planos e polígonos regulares, que compõem com a própria casa um todo de figuração abstrata, tanto reverenciam o sentido de abstração geométrica perseguido por Theo Van Doesburg no *De Stijl* e pelos pintores neoplásticos, como Piet Mondrian, Georges Vantongerloo e Vilmos Huszár, quanto a arquitetura da racionalização construtiva e o gosto pela industrialização, de Richard Neutra e os californianos, como Pierre Koenig, Whitney R. Smith e Craig Ellwood. Assim como no projeto de Casa Unifamiliar de Eduardo Corona (1956) e mesmo no projeto para uma fábrica de fósforos (1955-1957) de Luis Villanueva Sáenz, em La Paz, na Bolívia, igualmente não construídos. Tais recursos, já prenunciados pelos arquitetos da secessão vienense, como Otto Wagner, na estação metropolitana de Viena (1894-1997), e pelo próprio Van Doesburg, em sua desmaterialização do espaço em elementos abstratos, como no célebre projeto para o Café Aubette, em Strasbourg (1926-1928), são bastante pronunciados na Casa Eames, de Charles e Ray Eames (1945-1949), em Pacific Palisades. Conexões formais que demonstram relações entre a arquitetura produzida por arquitetos pioneiros do Movimento Moderno, como Hans Poelzig, Hendrik Petrus Berlage, Charles Rennie Mackintosh, Otto Wagner, Josef Hoffmann e alguns da escola de Amsterdam, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, com os princípios da abstração e do movimento holandês *De Stijl*, passando por Walter Gropius, Hannes Mayer e Frank Lloyd Wright, até a produção emblemática de Theo Van Doesburg, Gerrit Rietveld e Jacobus Johannes Pieter Oud, em um determinado momento dos anos 1920 e 1930⁵. Mas ninguém levaria o sistema formal neoplástico e os princípios da abstração à condição de estilo como Mies Van der Rohe.

Mies Van der Rohe - ensino e produção de arquitetura no norte da América do Norte

A chegada de Mies van der Rohe aos Estados Unidos em definitivo, em abril de 1938, produziu efeitos inevitáveis em termos pessoais e contundentes no âmbito profissional. O aceite para assumir o posto de diretor do programa de arquitetura do então *Armour Institute* de Chicago permitiu ao mestre alemão alcançar uma nova escala de reflexão e ação em sua arquitetura. Ali, além de assumir o encargo para o projeto do novo campus para o *Illinois Institute of Technology*, instituição que surgia como tal por meio da fusão do *Armour Institute* com o *Lewis Institute*, pôde dar continuidade às suas investigações teóricas interrompidas na Bauhaus. Naquele momento, o *Armour Institute* era uma escola de formação técnica modesta em Chicago, e a contratação de Mies fazia parte dos

planos do instituto de transformar seu programa de arquitetura tradicional em uma proposta inovadora e de estatura internacional.

Mies reestruturou por completo o programa de estudos da escola, elaborando um plano com firmes princípios metodológicos, concentrando nos primeiros anos temas relacionados à construção e ao desenho. Metodologia similar foi empregada por Mies quando da sua temporada na direção da Bauhaus. Naquela ocasião, os exercícios eram orientados às tipologias de casas-pátio (1938) e no desenho urbano de grande escala, conforme a filosofia de Hilberseimer. Em Chicago, manteve a exploração pedagógica das Casas-pátio, incluindo outros temas como o Museu para uma pequena cidade (1940-43), a Sala de Concertos (1942), o Teatro (1947), a Casa-núcleo (1951-52), projetos nos quais Mies depositava grande energia e que podem ser considerados como um divisor de águas entre as problemáticas dos anos 1930 na Alemanha e as novas perspectivas americanas. No contexto americano, a busca constante por lograr formas cada vez mais elementares associou-se ao interesse de introduzir as técnicas construtivas modernas, em que as estruturas de grandes vãos permitiam novas abordagens espaciais a variadas tipologias arquitetônicas. Essa postura, além de constituir novos paradigmas formais e espaciais, que acabaram se materializando em obras canônicas como a Casa Farnsworth (1951) e o Crown Hall (1956), produziram conteúdos disciplinares frequentemente explorados como temática nos trabalhos de conclusão de muitos estudantes do curso naquele período, como o caso de Reginald Malcomson que, em seu tempo de aluno no instituto, entre 1947 e

1949, elaborou o trabalho intitulado “O teatro: desenvolvimento histórico e possibilidades presentes”⁶, com grandes similaridades conceituais com o projeto para “O Teatro” (1947) de Mies. Mais tarde, cenário similar ocorreria com Edgar do Valle, mesmo sem a presença tão frequente do mestre na escola naqueles anos.

Edgar do Valle - A prática do ofício no sul da América do Sul

A produção de Edgar das duas décadas iniciais de seu trabalho se insere no extrato das arquiteturas anônimas do tecido urbano de Porto Alegre cuja relevância, sobretudo, reside no papel de elevar a um padrão médio de qualidade o entorno onde se insere. Concebida segundo princípios estéticos claros, critérios de ordem, abstração formal e rigor construtivo, essa produção estabelece diálogos com o sistema arquitetônico desenvolvido por Mies nos Estados Unidos e expandido amplamente, tanto formal como territorialmente, por seus seguidores de Chicago e da costa oeste.

A ligação de Edgar com essa vertente está debitada diretamente na temporada nos Estados Unidos com bolsa de estudos *Fulbright*⁷ para o curso de mestrado no *Illinois Institute of Technology* em Chicago entre 1963 e 1965. Nesse período, teve contato com importantes figuras como Ludwig Karl Hilberseimer, Myron Goldsmith e Reginald Malcomson, professores no instituto naquele momento, e ainda oportunidades de trabalho em estágio no escritório de Mies van der Rohe e na equipe formada pelos escritórios *C. F. Murphy & Associates*, *Skidmore, Owings and*



Figura 1 | Turma reunida ao redor de Mies no Crown Hall – IIT, Chicago. Edgar ao fundo na indicação da seta.
Fonte: acervo VALLE

Merrill e Loeb, Schlossman and Bennett para o projeto e construção do edifício Richard J. Daley Center (1965)⁸ (Figura 1).

A partir dessa experiência acadêmica e profissional no exterior, é possível reconhecer no exercício teórico realizado como requisito para conclusão do curso — trabalho que mesclava abordagem prática, com a concepção de projeto, e outra teórica, com a elaboração de monografia⁹ — a origem de uma série de princípios e procedimentos de projeto que guiaram a arquitetura praticada posteriormente por Edgar em Porto Alegre (Figura 2).

O trabalho desenvolvido inclina-se para a investigação do tema do museu, em clara adesão ao projeto de museu desenvolvido por Mies van der Rohe entre 1941 e 1943, o chamado “Museu para uma pequena cidade”, bem como denuncia a utilização da ilustração de Mies para aquele projeto na forma de referencial estético e espacial e ainda as nítidas semelhanças entre as duas propostas no que diz respeito à disposição dos elementos nas áreas de exibição.

O edifício de planta quadrada situa-se ligeiramente deslocado à direita sobre uma grande esplanada de rígida modulação (Figura 3). O programa está distribuído em dois pavimentos e um subsolo. O térreo está francamente relacionado espacial e visualmente com o exterior tanto pela retícula do piso que ultrapassa indiferente o perímetro da planta, como pelas grandes esquadrias, que vão do piso ao forro. Nesse nível concentram-se as atividades culturais, expositivas e administrativas do museu. O segundo pavimento, em contraste com o térreo, constitui-se de uma caixa opaca que parece pairar sobre a esplanada. Com pé-direito mais amplo, abriga as atividades de exposição principais do museu, de caráter majoritariamente temporário. No subsolo, desenvolvem-se atividades secundárias, como sala para impressões, ateliers, depósitos, doca de obras, triagem e área técnica. Os espaços foram pensados como grandes áreas livres e flexíveis, negando a ideia de recintos fechados. Os limites são definidos implicitamente por planos soltos no melhor estilo Pavilhão de Barcelona (Figura 4).

A articulação consciente dos elementos estruturais, como o reconhecimento da quina do volume enquanto peça reveladora da bidirecionalidade do sistema modular, o recesso da viga de bordo como recurso para enfatizar as linhas verticais da composição e a legibilidade dos planos de vedação, denota um apurado sentido estético e controle formal que atestam a clareza elementar do edifício. Esses aspectos, somados à busca pela fluidez dos espaços e a franca relação interior-exterior, constituem procedimentos de projeto que foram revisitados em muitas obras posteriores do arquiteto no Brasil, como o edifício-sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (1977) e o edifício-sede do Grupo Maisonnave (1977), somados a outros projetos reconhecidos em pesquisas locais como o edifício Trinidad (1976) e o Centro Municipal de Cultura (1976)¹⁰ (Figura 5).

No Centro Municipal de Cultura, a concepção da estrutura foi um fator determinante na expressão do edifício e leva a cabo uma série de conceitos experimentados pelo arquiteto, no plano teórico, em seu projeto acadêmico em Chicago. No caso do Museu de Arte, a seleção do concreto como ingrediente elementar da estrutura foi fundamental na definição do caráter estético do edifício. No CMC, a ideia se repete dentro de uma abordagem prática, com respaldo no domínio da técnica, disponibilidade de material, mão de obra e satisfatória relação econômica no contexto local. Também a atitude de revelar a clareza da composição através da valorização de esqueleto estrutural como definidor da forma, aqui, constitui a tônica da expressão do edifício, acentuada pela exploração franca de materiais à mostra.

O precedente teórico de Chicago acabou determinando um modo de conceber os elementos da estrutura que se vale, invariavelmente, de pilares salientes ao plano de vedação que são unificados a uma platibanda alinhada pela superfície externa. Essa solução está presente em diversos projetos do arquiteto no período, como demonstra a sequência comparativa da Figura 6. Nesse sentido, o desenho cuidadoso do esqueleto do CMC denota certo incre-

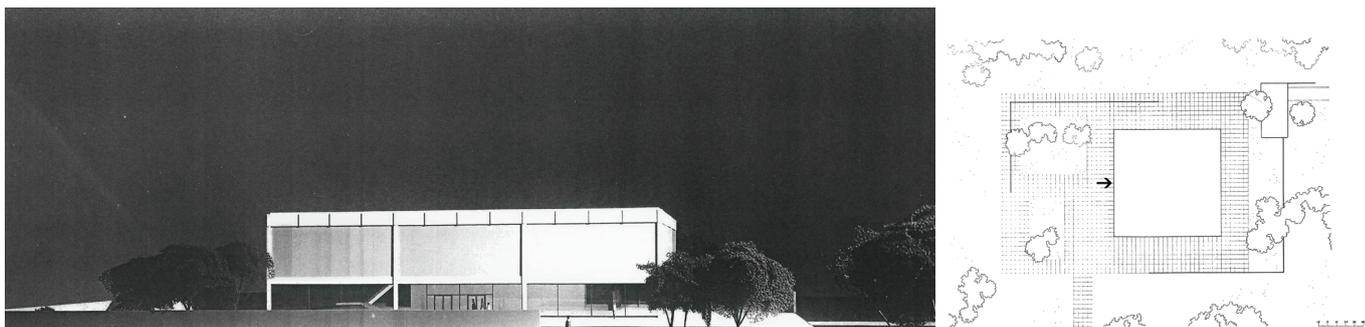


Figura 2 | Fotografia da Maquete e implantação respectivamente – Museu de Arte (1965) – Edgar Sirangelo do Valle.

Fonte: VALLE, E. 1965, p. 22 e p.14



Figura 3 | Vista do acesso e planta do térreo respectivamente - reprodução tridimensional do projeto para um museu de arte (1965) - Edgar do Valle.

Fonte: COELHO, 2017, p.74; VALLE, 1965, p.15.

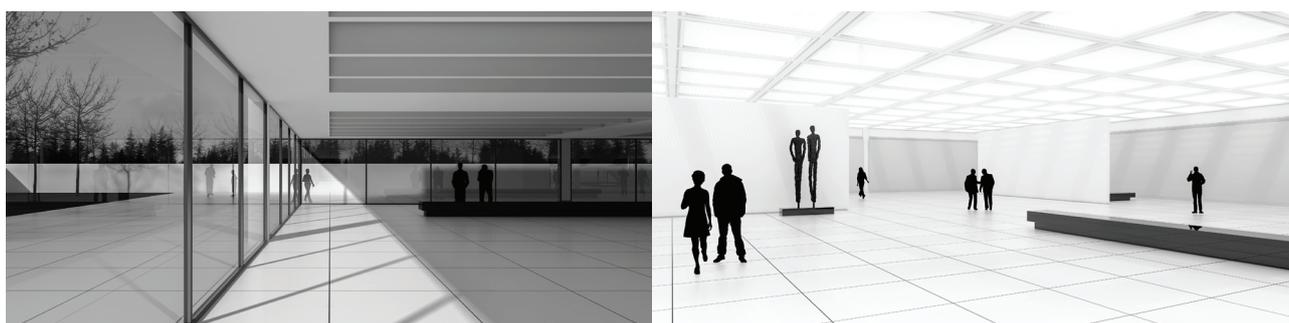


Figura 4 | Vista do nível térreo e 2º pav. Respectivamente - reprodução tridimensional do projeto para um museu de arte (1965) - Edgar do Valle.

Fonte: COELHO, 2017. p.72 e p.76.

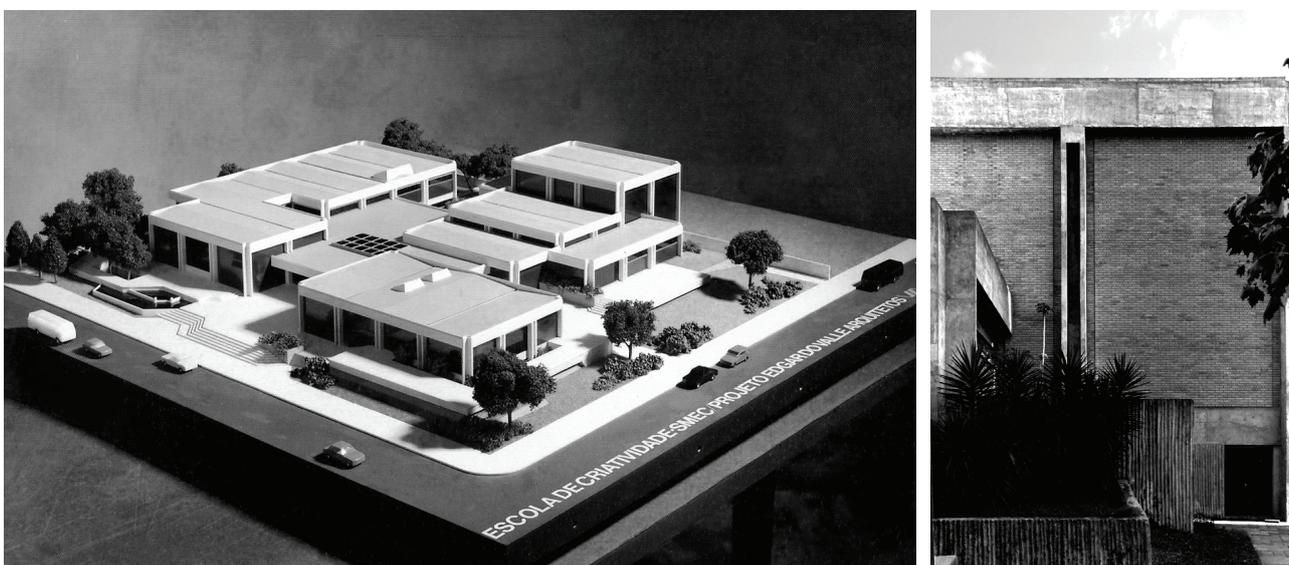


Figura 5 | Maquete do CMC no terreno original (1976) e detalhe do pilar de seção "U" na fachada norte respectivamente - Edgar do Valle, Sergio Luiz Matte & Armando Gonzalez.

Fonte: Acervo VALLE

mento de sofisticação formal, principalmente nos pilares, que dentro de certa sistematicidade variam de seção para se adaptar às diferentes circunstâncias do projeto tanto na situação de entreplano, como nas arestas do volume. A seção ordinária em "U" por vezes recebe janelas estreitas que se desenvolvem do piso ao teto, formando um par de pilares esbeltos. O pilar de canto apresenta variação quando se encontra no interior do edifício e, geralmente, articula a conexão com as esquadrias internas.

A solução dos elementos de apoio e dos planos de vedação em alvenaria paginada apresenta semelhanças com os edifícios projetados por Mies para o IIT, como o Wichnick Hall (1945) e o Alumni Memorial Hall (1945), assim como o Promontory Apartments (1946), que utiliza a alvenaria cerâmica com paginação inscrita em estrutura de concreto. A solução dada aos vértices dos volumes onde o pilar varia da seção "U" ordinária para a seção em "L",

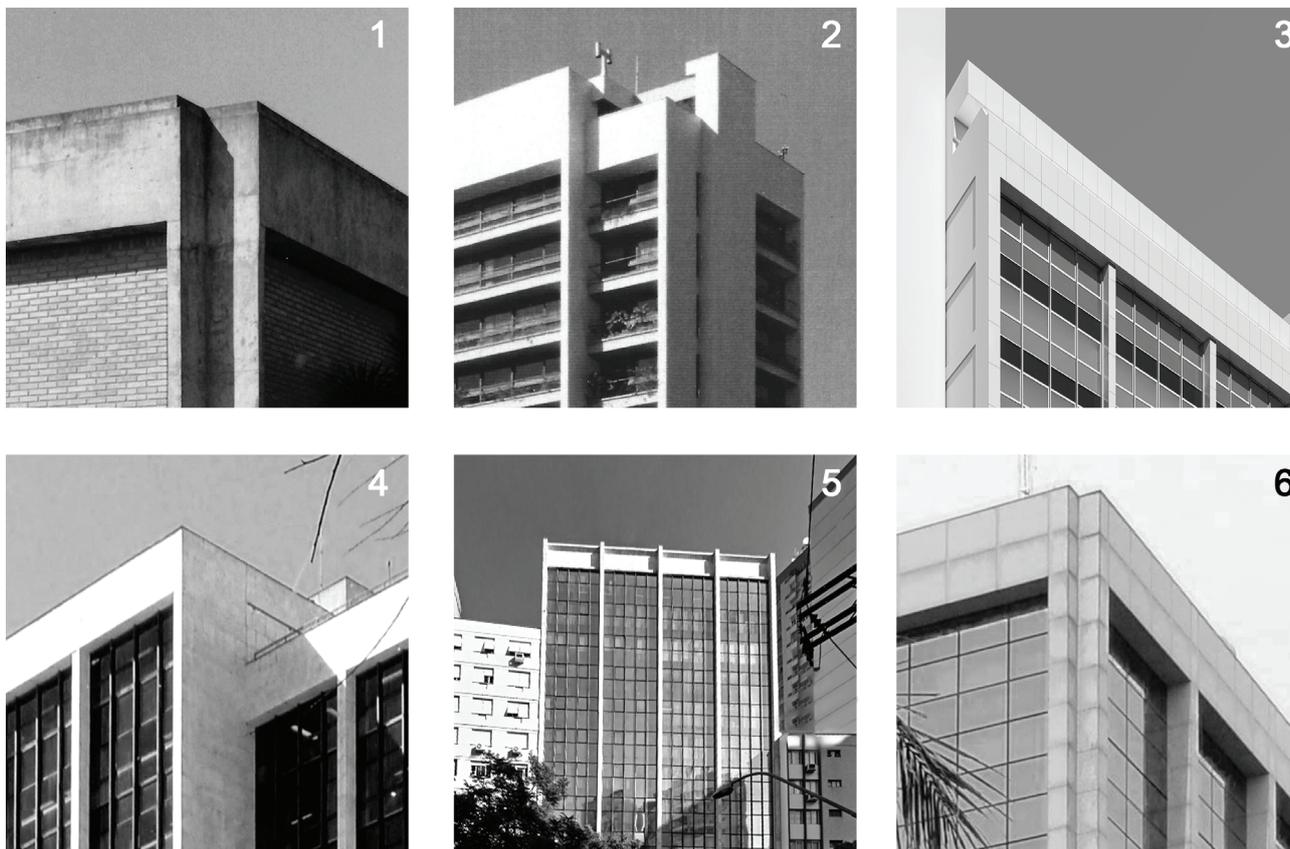


Figura 6 | Binômio “Pilar exteriorizado e Platibanda de coroamento” – Comparativo entes os edifícios, CMC, Trinidad, CRT, Açores, Maisonnave e Kennedy
Fonte: COELHO, 2017, p.145.

arrematando a composição dentro do mesmo sistema lógico, é patente de uma abordagem adequada do exemplo referencial às circunstâncias locais. O desenho refinado da alvenaria de vedação confinada à pauta estrutural remete ao recurso utilizado por Mies para garantir o alinhamento do plano de alvenaria à linha da estrutura no Alumni Hall (Figura 7).

De um caso excepcional como o Centro Municipal de Cultura às arquiteturas ordinárias constitutivas do tecido urbano, o edifício-sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações – CRT (1977) é representativo dessa linha arquitetônica no programa de edifícios corporativos e de escritórios, na qual podemos incluir, pelas evidentes similaridades quanto à condição urbana e ao partido estrutural, outros exemplares, como o edifício-sede do Banco Maisonnave (1977-80), na Av. Sete de Setembro, e o edifício Esplanada dos Açores (1978), na Av. Borges de Medeiros (figura 8).

Ao examiná-los, nota-se claramente uma guinada em direção a uma arquitetura universalizada, onde há uma prevalência de volumetrias simples originárias de um esqueleto estrutural que, além de atuar como um ordenador dos espaços, determina invariavelmente um padrão estético, representado pelos sistemas de fechamentos contínuos. Também se inclui como uma característica geral o predomínio

de coberturas planas ou telhados de ponto baixo, ocultados por platibandas.

Os edifícios apresentam características comuns, em grande medida decorrentes da situação urbana. Construídos junto às divisas em lotes de tecido consolidado do centro histórico, ainda que com algumas variações volumétricas, ocupam grande percentual do terreno. Mas as similaridades mais evidentes estão relacionadas ao tratamento da fachada, que responde a uma forma de resolver a estrutura que, em ambos os casos, se dá na exteriorização dos pilares ao plano de vedação. Essa estratégia tem paralelo no Promontory Apartments (1946), de Mies van der Rohe, em Chicago, um dos poucos projetos do mestre alemão nos Estados Unidos construídos em concreto armado. Naquela situação, o arquiteto revela o esqueleto estrutural do edifício tanto pelo recuo das vigas de borda na fachada leste, permitindo assim a passagem livre dos pilares, como pela diferenciação de material no uso de alvenaria de tijolos à vista nos peitoris e fechamentos das empenas. Esse esquema geral de armação do projeto encontrou terreno fértil e pleno desenvolvimento no contexto da construção civil brasileira, que tem no concreto armado uma tradição. Esse aspecto se reforça no caso do projeto teórico para um museu de arte em Chicago quando da escolha do concreto armado como sistema estrutural. Naquele caso, contrariando a tendência



Figura 7 | Vista da esquina do Alumni Memorial Hall, IIT, Chicago e do CMC (1976) – Edgar do Valle, Sergio Luiz Matte & Armando Gonzalez.

Fonte: Internet. Disponível em: <<http://goo.gl/YCDe8B>>, Fonte: acervo VALLE



Figura 8 | Ed. Sede da CRT (1977) – Edgar do Valle, Sergio Luiz Matte & Armando Gonzalez, Ed. Esplanada dos Açores (1979) – Edgar do Valle & Sergio Luiz Matte e Edifício-sede do Banco Maisonnave (1979-80) – Edgar do Valle & Sergio Luiz Matte.

Fonte: Acervo VALLE e COELHO, 2017, p. 111 e 118.

presente no contexto técnico construtivo em Chicago, simbolizado pelo arrojo e a precisão das estruturas em aço, em franco desenvolvimento por lá, a exemplo do próprio Crown Hall (1950-56), de Mies van der Rohe, especula-se que esteja presente nessa decisão o interesse do arquiteto em demonstrar domínio da técnica do concreto armado.

Conclusão – “Este edifício não é um cachimbo”

Neste sentido, merece atenção sensível as diversas contextualizações e sincretismos do chamado estilo internacional na produção ordinária da arquitetura chamada de periférica e, pejorativamente, de mercado imobiliário. O alto grau de abstração e universalidade dessa arquitetura, alheia a literali-

dades e figurativismos, ao contrário de seus pares modernos, resistiu com mais clareza e perenidade às frivolidades e banalidades da costumeira banalização dos movimentos artísticos. O “modernoso” e posteriormente o “pós-modernoso” encontraram na arquitetura de maior teor abstrato forte resistência. Essas arquiteturas representativas das vertentes do estilo internacional, detratadas com frequência pela insensibilidade ao meio, adaptaram-se criteriosamente às necessidades presentes no contexto econômico e cultural local. Nesse sentido, o arquiteto buscou aplicar os princípios e valores do sistema miesiano mediante um processo de constante negociação com as contingências inerentes ao contexto da construção civil e ao parcelamento do solo. Incluindo aí alternativas adaptadas a fatores como:

legislação, plano diretor, normas de incêndio, anseios dos clientes, questões econômicas e até mesmo qualificação de mão de obra. É verdade que se percebe certa redução dos princípios do sistema miesiano, em adequação a essa realidade muitas vezes adversa que o mercado ou o âmbito das incorporações imobiliárias acaba impondo às intenções originais, desafios que Edgar soube gerenciar mantendo a integridade e a consistência de suas propostas. Assim, de certa forma, ao contrário da

crítica dominante das últimas décadas, a apropriação das vertentes modernas nos diversos contextos traz profundas lições aos que exercem o ofício sem almejar exclusivamente a produção de obras notáveis, mas a construção de tecidos urbanos plausíveis e arquiteturas dignas. Nesse sentido, como na célebre frase de René Magritte, Ceci n'est pas une pipe (isto não é um cachimbo), a obra de Edgar do Valle e alguns de sua geração não é apenas a reprodução ou um símbolo da arquitetura moderna (Figura 9).

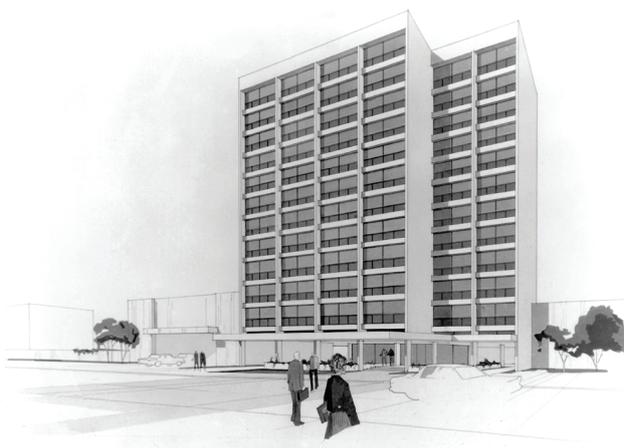


Figura 9 | Promontory Apartments (1946) – Mies van der Rohe e Estudo inicial para o Ed. Sede da CRT (1977) – Edgar do Valle, Sergio Luiz Matte & Armando Gonzalez, respectivamente.

Fonte: internet. Disponível em: <<https://goo.gl/sMVXrf>> Fonte: acervo VALLE

NOTAS

¹ Edição de outubro de 1948. Oswaldo Bratke era assinante da revista e visitou a editora em sua primeira viagem aos Estados Unidos, quando também visitou um modelo de casa para a classe média de Marcel Breuer em exposição no *Museum of Modern Arts* de Nova York. Ver: SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. **Oswaldo Arthur Bratke**. São Paulo: Projeto, 1997.

² *Idem*, p. 25.

³ Ver: IRIGOYEN, Adriana. *Wright e Artigas: duas viagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

⁴ Ver: FORTE, Miguel. *Diário de um jovem arquiteto: minha viagem aos Estados Unidos em 1947*. São Paulo: Mackenzie, 2001.

⁵ Relações que podem ser vistas, em especial de maneira visual, na última parte da publicação: ZEVI, Bruno. *Poética de la arquitectura neo-plástica*. Buenos Aires: Editorial Víctor Lerú S.R.L, 1960.

⁶ COLOMBO, Luciana Fornari. O projeto de teatro de Ludwig Mies van der Rohe. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 185.03, Vitruvius, out. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/3pq9Jl>> Acesso em: 19 jun. 2016, às 13h16min.

⁷ Iniciativa do senador americano James William Fulbright que, além de outras ações promovidas pelo governo norte-americano, oferecia bolsas de estudos para estrangei-

ros como forma de ampliar a influência norte-americana no pós-guerra.

⁸ VALLE, Edgar Sirangelo do. Entrevista. Depoimento ao autor. Gravação digital, Porto Alegre, 13 jul. 2016.

⁹ VALLE, Edgar Sirangelo do. *An art museum*. 1965. 29f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Illinois Institute of Technology, Chicago, 1965.

¹⁰ Ambas publicadas no catálogo “A arquitetura moderna em Porto Alegre”, de Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi. Ver: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 1987, p. 305 e 307.

Referências bibliográficas

COELHO, Jânerson Figueira. *A arquitetura de Edgar do Valle: conexões norte-americanas e prática em Porto Alegre*. 2017. 226f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Uniritter/Mackenzie, Porto Alegre, 2017.

COHEN, Jean-Louis. *Mies van der Rohe*, Madri: Akal, 1994.

COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889 – Uma história mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

COLOMBO, Luciana Fornari. *O projeto de teatro de Ludwig Mies van der Rohe*. Arqtextos, São Paulo, ano 16, n. 185.03, Vitruvius, out. 2015 <<http://goo.gl/3pq9JI>> Acesso em: 19 jun. 2016, às 13h16min.

COMAS, Carlos Eduardo; MARQUES, Sérgio Moacir. *A segunda idade do vidro: transparência e sombra na arquitetura moderna do Cone Sul-Americano – 1930/1970*. Porto Alegre: UniRitter, 2007.

FERNÁNDEZ, Roberto. *El laboratorio americano. Arquitectura, geocultura y regionalismo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1998.

LIERNUR, Jorge Francisco. *Trazas de futuro – episodios de la cultura arquitectónica de la modernidad en América Latina*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2008.

MARQUES, Sérgio Moacir. PEIXOTO, Marta. *A caminho do abstrato: As casas Eames e Farnsworth in loco*. Anais do X Colóquio de Pesquisa e Pós-Graduação da X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq, Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2014.

MARQUES, Sérgio Moacir; COMAS, Carlos Eduardo (Orient.); PIÑON, Hélio (Co-Orient.) *Fayet, Araújo & Moojen – Arquitetura Moderna Brasileira no Sul: 1950/1970*. 532 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, 2012.

MC COY, Esther. *Case Study Houses 1945-1962*, Santa Monica, Hennessey + Ingalls, 1977.

NEUTRA, Richard. *Arquitetura social em países de clima quente*. São Paulo: Grerth Todman, 1948.

PIÑON, Helio. *El Sentido de La Arquitectura Moderna*. Ediciones UPC – ETSAB, Barcelona, 1997.

PIÑON, Hélio. *Mario Roberto Alvarez*. Barcelona: ETSAB/UPC, 2002.

SEGAWA, Hugo; DOURADO, Gulherrme Mazza. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Projeto, 1997.

VALLE, Edgar Sirangelo do. *An art museum*. 1965. 29f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Illinois Institute of Technology, Chicago, 1965.

VALLE, Edgar Sirangelo do. *Entrevista*. Depoimento ao autor. Gravação digital, Porto Alegre, 13 jul. 2016.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 1987.